



\* O ELEVADOR ERSATZ \*

SÉGUINTE

Caro Leitor,

Se você acaba de pegar este livro para ler, então não é tarde demais para colocá-lo de volta na estante. Como os livros anteriores dessas DESVENTURAS EM SÉRIE, não há nada para se encontrar nestas páginas a não ser desgraças, desespero e mal-estar, e você ainda está em tempo de escolher alguma outra coisa. Nos capítulos desta história, Violet, Klaus e Sunny Baudelaire encontram uma escadaria escura, um arenque vermelho, alguns amigos em situação desesperada, três iniciais misteriosas, um mentiroso com um plano sinistro, uma passagem secreta e refrigerante de salsa.

Jurei pôr no papel essas histórias dos órfãos Baudelaire para que o grande público venha a saber de cada uma das coisas terríveis que aconteceram com eles, mas se em vez disto você decidir ler alguma outra coisa, irá poupar-se de uma montanha de horrores e desgostos.

Respeitosamente,

*Lemony Snicket*

Lemony Snicket

# Personagens

Na classificação das pessoas mais infelizes do mundo — e você sabe que elas não são poucas — os irmãos Baudelaire ocupam sem dúvida o primeiro lugar. Eles viveram mais coisas horríveis que qualquer pessoa. Mas quem são esses desafortunados?



**VIOLET BAUDELAIRE** tem catorze anos e é uma das maiores inventoras do seu tempo. As engrenagens e alavancas de seu cérebro funcionam a todo o vapor.



**KLAUS BAUDELAIRE**, O irmão do meio, usa óculos, o que pode dar a impressão de que seja amante dos livros. Impressão absolutamente correta. Ele emprega todo o seu conhecimento em decifrar os planos do pérfido conde Olaf.



**SUNNY BAUDELAIRE**, a mais nova dos três, é ainda um bebê. Seus quatro afiados dentes entram em ação na primeira oportunidade.

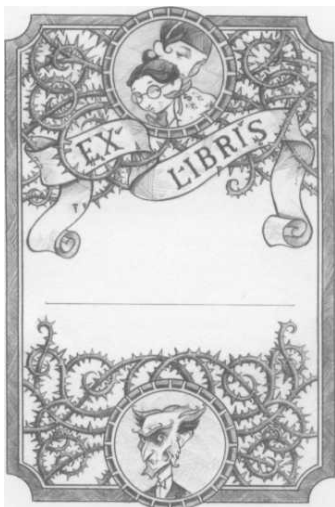


E este é o arquiinimigo dos irmãos Baudelaire: o **CONDE OLAF**. Homem revoltante, gosmento, pérfido, sobre ele é melhor dizer o menos possível.

Eu, **Lemony Snicket**, nasci antes de você e provavelmente morrerei antes de você. Nasci numa pequena vila que hoje está submersa. Um povoado aparentemente pacato, mas cercado de segredos. Hoje vivo na cidade. Para escrever essas desventuras dos irmãos Baudelaire fui obrigado a conhecer a fundo as artimanhas de vilões como o conde Olaf. Passei anos mergulhado no mundo do crime, não dos crimes reais, é claro. Minha formação é estritamente teórica.

Veja mais informações no meu site: [www.lemonysnicket.com](http://www.lemonysnicket.com) (em inglês).

Meu ilustrador, **Brett Helquist**, nasceu no Arizona, cresceu em Utah e atualmente vive em Nova York. Formou-se em belas-artes na Brigham Young University e desde então trabalha como ilustrador. Colabora em diversas publicações, como *Cricket Magazine* e *The New York Times*.



## \* Desventuras em Série \*

- Livro primeiro *Mau começo*
- Livro segundo *A Sala dos Répteis*
- Livro terceiro *O lago das sanguessugas*
- Livro quarto *Serraria Baixo-Astral*
- Livro quinto *Inferno no colégio interno*
- Livro sexto *O elevador ersatz*
- Livro sétimo *A Cidade Sinistra dos Corvos*
- Livro oitavo *O hospital hostil*
- Livro nono *O espetáculo carnívoro*
- Livro décimo *O escorregador de gelo*
- Livro undécimo *A Gruta Gorgônea*
- Livro duodécimo *O Penúltimo Perigo*
- Livro tredecimo *O Fim*

\* Desventuras em Série \*  
*LIVRO Sexto*



O ELEVADOR ERSATZ

de LEMONY SNICKET  
Ilustrações de Brett Helquist  
Tradução de Carlos Sussekind

Para Beatrice —  
Quando nos conhecemos, minha vida começou.  
Logo depois, a sua terminou.



## CAPÍTULO UM

O livro que você está segurando nas duas mãos neste momento — presumindo que esteja, de fato, segurando este livro, e que você só tem duas mãos — é um dos dois livros no mundo que mostram a diferença entre a palavra “nervoso” e a palavra “ansioso”. O outro livro, é claro, é o dicionário, e eu, se fosse você, preferiria ler o outro. Como este livro, o dicionário mostra que a palavra “nervoso” significa “preocupado com alguma coisa” — você poderia ficar nervoso, por exemplo, se lhe servissem sorvete de ameixa seca de sobremesa, porque ficaria preocupado com a possibilidade de o gosto ser horrível — ao passo que a palavra “ansioso” significa “atormentado por um suspense perturbador”, que é como você poderia se sentir se lhe servissem um jacaré vivo de sobremesa, pois seria atormentado pelo silêncio perturbador contido na dúvida sobre se você vai comer a sobremesa ou se é a sobremesa que vai comer você. Porém,

diferentemente deste livro, o dicionário também trata de palavras muito mais agradáveis de contemplar. A palavra “bolha” está no dicionário, por exemplo, bem como a palavra “pavão”, a palavra “férias” e as palavras “a”, “execução”, “do”, “autor”, “foi”, “suspensa”, as quais formam uma sentença que é sempre agradável de ouvir. Portanto, se você fosse ler o dicionário em vez deste livro, poderia pular as partes sobre “nervoso” e “ansioso” e ler a respeito de coisas que não o deixem sem dormir a noite toda, chorando e arrancando os cabelos.

Mas este livro não é o dicionário, e se nele você pulasse as partes sobre “nervoso” e “ansioso”, estaria pulando os trechos mais agradáveis da história toda. Em nenhum lugar deste livro você encontrará as palavras “bolha”, “pavão”, “férias”, nem, infelizmente para mim, coisa alguma sobre uma execução sendo suspensa. Em vez disso, lamento dizer, você encontrará as palavras “pesar”, “desespero” e “deplorável”, bem como as expressões “passagem escura”, “o conde Olaf disfarçado” e “os órfãos Baudelaire caíram numa armadilha”, mais uma variedade de palavras e expressões lamentáveis que não tenho coragem de escrever aqui. Em suma, ler um dicionário poderá deixá-lo nervoso, pois você se preocuparia por achá-lo muito maçante, mas ler este livro o deixará ansioso, pois será atormentado pelo suspense perturbador em que os órfãos Baudelaire se encontram, e eu, se fosse você, deixaria cair este livro das suas duas ou mais mãos e, em vez dele, me enrascaria confortavelmente para ler um dicionário, porque todas aquelas palavras lamentáveis que preciso usar para descrever aqueles infelizes acontecimentos estão prestes a chegar aos seus olhos.

“Imagino que vocês devem estar nervosos”, disse o sr. Poe. O sr. Poe era um executivo de banco que ficara encarregado dos órfãos Baudelaire logo em seguida à morte dos pais deles em um horrível incêndio. Lamento dizer que o sr. Poe não tinha feito um bom trabalho até então, e que os Baudelaire aprenderam que a única coisa com que podiam contar no que dizia respeito ao sr. Poe era o fato de que ele estava sempre com tosse. Na verdade, toda vez que terminava de falar uma frase, pegava o seu lenço branco e tossia nele.

Um vislumbre do algodão branco era praticamente a única coisa que os órfãos Baudelaire puderam ver. Violet, Klaus e Sunny estavam com o sr. Poe na frente de um enorme edifício de apartamentos na Avenida Sombria, que ficava em um dos bairros mais sofisticados da cidade. Embora a Avenida Sombria ficasse a apenas alguns quarteirões de distância do lugar onde antes se erguera a mansão Baudelaire, as três crianças nunca tinham estado antes naquelas vizinhanças e presumiram que a palavra “sombria” na Avenida Sombria era simplesmente um nome e nada mais, assim como Bulevar George Washington não indica necessariamente que ali mora George Washington, ou Sexta Avenida não indica que as lojas ali só abrem às sextas-feiras. Mas naquela tarde os Baudelaire perceberam que Avenida

Sombria era mais que um nome. Era uma descrição apropriada. Em vez de postes de luz, havia árvores enormes a intervalos regulares ao longo da calçada, de um tipo que as crianças nunca tinham visto antes — e que mal podiam ver agora. No alto de um tronco grosso e espinhento, os galhos pendiam como roupa pendurada para secar, espalhando suas folhas largas e chatas em todas as direções, como um teto baixo e folhudo por cima das cabeças dos Baudelaire. Esse teto bloqueava toda a luz que vinha de cima e com isso, muito embora fosse o meio da tarde, a rua parecia escura como se já fosse noite — se bem que um tanto esverdeada. Não se diria que era um bom jeito de fazer com que os órfãos se sentissem bem-vindos ao se aproximar do seu novo lar.

“Vocês não têm por que ficar nervosos”, disse o sr. Poe, guardando o lenço de volta no bolso. “Entendo que alguns dos seus antigos tutores lhes causaram alguns probleminhas, mas acho que o sr. e a sra. Squalor vão lhes proporcionar um lar apropriado.”

“Não estamos nervosos”, disse Violet. “Estamos ansiosos demais para estar nervosos.”

“‘Ansioso’ e ‘nervoso’ significam a mesma coisa”, disse o sr. Poe. “E de qualquer modo, que razão vocês têm para estar nervosos?”

“O conde Olaf, é claro”, respondeu Violet. Violet tinha catorze anos, o que fazia dela a mais velha das crianças Baudelaire e a que mais provavelmente se animaria a falar abertamente com adultos. Era uma excelente inventora e tenho certeza de que, se não estivesse tão ansiosa, teria prendido o cabelo com uma fita para não cair nos olhos enquanto pensava em alguma invenção que trouxesse claridade aos seus arredores.

“O conde Olaf?”, disse o sr. Poe com indiferença. “Não se preocupem com ele. Nunca encontrará vocês aqui.”

As três crianças se entreolharam e suspiraram. O conde Olaf tinha sido o primeiro tutor que o sr. Poe encontrara para os órfãos, e era uma pessoa tão tenebrosa quanto a Avenida Sombria. Tinha uma única e longa sobrelanceira, um olho tatuado no tornozelo e duas mãos imundas que ele esperava usar para arrebatar a fortuna dos Baudelaire, a ser herdada pelos órfãos assim que Violet chegasse à maioridade. As crianças tinham convencido o sr. Poe a tirá-los dos cuidados de Olaf, mas desde então o conde as perseguia com uma determinação obstinada, uma frase que aqui significa “arquitetando planos traiçoeiros e usando disfarces para tentar enganar as três crianças, onde quer que elas estivessem”.

“É difícil não se preocupar com Olaf”, disse Klaus, tirando os óculos para ver se ficava mais fácil olhar em volta na escuridão sem eles, “porque ele tem os nossos confrades em suas garras.” Embora Klaus, o Baudelaire do meio, tivesse apenas doze anos, já havia lido tantos livros que freqüentemente usava palavras como “confrades”, que é uma palavra

sofisticada para “amigos”. Klaus estava se referindo aos trigêmeos Quagmire, que os Baudelaire conheceram quando estavam no colégio interno. Duncan Quagmire era um repórter, e estava sempre anotando informações úteis no seu caderno. Isadora Quagmire era uma poeta, e usava o seu caderno para escrever poesia. O terceiro gêmeo, Quigley, morrera em um incêndio antes que os órfãos Baudelaire tivessem a oportunidade de conhecê-lo, mas os Baudelaire tinham certeza de que ele teria sido tão bom amigo quanto os seus irmãos. Como os Baudelaire, os Quagmire eram órfãos e perderam os pais no mesmo incêndio que custara a vida ao irmão e, também como os Baudelaire, tinham herdado uma enorme fortuna na forma das famosas safiras Quagmire, que eram gemas muito raras e valiosas. Mas diferentemente dos Baudelaire, não conseguiram escapar das garras do conde Olaf. Justo quando os Quagmire ficaram sabendo de um terrível segredo a respeito de Olaf, ele os seqüestrou e os Baudelaire, desde então, ficaram tão preocupados que mal conseguiam dormir por um instante que fosse. Sempre que fechavam os olhos, viam apenas o longo carro preto que levava embora os Quagmire, e ouviam apenas o som dos seus amigos gritando um fragmento do terrível segredo que acabavam de conhecer. “c.S.C.!””, gritara Duncan, logo antes de o carro sair na disparada, e os Baudelaire rolavam na cama de um lado para outro, preocupados com os seus amigos, e se perguntavam que diabo queria dizer C.S.C.

“Vocês também não precisam se preocupar com os Quagmire”, disse o sr. Poe, confiante. “Pelo menos, não por muito tempo. Não sei se vocês chegaram a ler o boletim da Administração de Multas, mas tenho algumas boas novas sobre os seus amigos.”

“Gavu?”, perguntou Sunny. Sunny era a mais jovem dos órfãos Baudelaire, e também a menor. Era pouco maior que um salame. Este era um tamanho comum para a sua idade, mas ela tinha quatro dentes que eram maiores e mais afiados que os de qualquer outro bebê que eu tenha visto. Entretanto, apesar da maturidade da sua boca, Sunny em geral falava de um modo que a maioria das pessoas achava difícil de entender. Com “Gavu”, por exemplo, ela queria dizer “Os Quagmire foram encontrados e resgatados?” ou algo do gênero, e Violet foi logo traduzindo para que o sr. Poe entendesse.

“Melhor que isso”, disse o sr. Poe. “Eu fui promovido. Agora sou Vice-Presidente Encarregado dos Assuntos de Órfãos. Isto significa que estou encarregado não só da situação de vocês, como também da dos órfãos Quagmire. Prometo a vocês que vou concentrar grande parte da minha energia em encontrar os Quagmire e trazê-los de volta à segurança, ou meu nome não é...” — aqui o sr. Poe se interrompeu para tossir mais uma vez no seu lenço, e os Baudelaire aguardaram pacientemente até ele terminar — “... Poe. Então, assim que eu deixar vocês aqui vou fazer uma viagem de helicóptero por três dias ao pico de uma montanha onde os Quagmire podem ter sido vistos. Será muito difícil falar comigo durante esse tempo,

pois o helicóptero não tem telefone, mas liguei para vocês assim que retornar com os seus jovens companheiros. Agora, dá para vocês enxergarem o número deste prédio? Para mim, está difícil ver se estamos no lugar certo.”

“Acho que é 667”, disse Klaus, apertando os olhos na tênue luz verde.

“Então, aqui estamos”, disse o sr. Poe. “O sr. e a sra. Squalor moram no apartamento de cobertura da Avenida Sombria 667. Acho que a porta é aqui.

“Não, é lá adiante”, disse uma voz aguda e rascante na escuridão. Os Baudelaire, surpresos, se sobressaltaram um pouco, se voltaram e viram um homem que usava um chapéu de aba larga e um casaco grande demais para ele. As mangas do casaco cobriam-lhe as mãos completamente, e a aba do chapéu cobria a maior parte do seu rosto. Era tão difícil de enxergar que não foi à toa que as crianças não notaram a presença dele antes. “A maioria dos nossos visitantes acha a porta difícil de encontrar”, disse o homem. “É por isso que contrataram um porteiro.”

“Bem, fico feliz por terem feito isso”, disse o sr. Poe. “Meu nome é Poe, e tenho uma hora marcada com o sr. e a sra. Squalor para deixar os novos filhos deles.”

“Ah, sim”, disse o porteiro. “Eles me disseram que vocês vinham. Entrem.” O porteiro abriu a porta do edifício e os fez entrar em uma sala tão escura quanto a rua. No lugar de lâmpadas, tudo o que havia era umas poucas velas no chão, e as crianças mal podiam distinguir se estavam em uma sala grande ou em uma sala pequena.

“Nossa! Está escuro aqui”, disse o sr. Poe. “Por que você não pede aos seus patrões que instalem aqui uma boa e forte lâmpada halógena?”

“Não podemos”, respondeu o porteiro. “Neste momento, o escuro está in.”

“In?” perguntou Violet. “In como?”

“Apenas in”, explicou o porteiro. “Por aqui, as pessoas decidem se alguma coisa é in, o que quer dizer que está “por dentro”, tem estilo e é atraente, ou out, o que quer dizer o contrário, que está “por fora”. E fica mudando o tempo todo. Faz só um par de semanas, o escuro estava out e a luz estava in, e vocês deviam ter visto estas vizinhanças. Era preciso usar óculos escuros o tempo todo, para não ferir a vista.”

“Com que então, escuro é in”, disse o sr. Poe. “Espere só até eu contar para a minha mulher. Nesse meio-tempo, pode nos mostrar onde fica o elevador? O sr. e a sra. Squalor moram no apartamento de cobertura, e não quero subir a pé até o último andar.”

“Bem, receio que vocês tenham de fazer isso”, disse o porteiro. “Logo ali há um par de portas de elevador, mas não terão nenhuma utilidade para vocês.

“O elevador está quebrado?”, perguntou Violet. “Eu sou muito boa com dispositivos mecânicos, e ficaria feliz em dar uma olhada.”

“É uma oferta muito gentil e inusitada”, disse o porteiro. “Mas o elevador não está quebrado. Simplesmente está out. A vizinhança decidiu que os elevadores estavam out e então eles desligaram o elevador. As escadas estão in, portanto ainda resta um jeito de chegar à cobertura. Vou mostrar a vocês.”

O porteiro mostrou o caminho através do saguão e os órfãos Baudelaire olharam para cima, perscrutando uma longa escadaria curva, feita de madeira, com um corrimão de metal que acompanhava as suas curvas. Podiam ver que alguém colocara mais velas a cada poucos degraus, de modo que a escadaria parecia ser formada por nada mais que curvas de luzes bruxuleantes que iam ficando cada vez mais pálidas à medida que a escada ia subindo, até não dar para ver mais nada.

“Nunca vi nada assim”, disse Klaus.

“Parece mais uma caverna que uma escada”, disse Violet.

“Pinse!”, disse Sunny, o que queria dizer algo como “Ou o espaço cósmico!”.

“Me parece ser uma longa escalada”, disse o sr. Poe franzindo as sobrancelhas. Ele voltou-se para o porteiro. “Quantos andares tem essa escadaria?” Os ombros do porteiro se encolheram embaixo do seu casaco grande demais.

“Não me lembro”, disse ele. “Acho que são quarenta e oito, mas podem ser oitenta e quatro.”

“Eu não sabia que os edifícios podiam ser tão altos”, disse Klaus.

“Bem, sejam quarenta e oito ou oitenta e quatro”, disse o sr. Poe, “eu não tenho tempo para subir tudo isso com vocês, crianças. Vou perder o meu helicóptero. Vocês terão de subir sozinhos, e transmitir as minhas saudações ao sr. e à sra. Squalor.”

“Teremos de subir sozinhos?”, disse Violet.

“Dêem-se por felizes de não ter trazido as suas coisas com vocês”, disse o sr. Poe. “A sra. Squalor disse que não havia razão para trazer nenhuma das roupas de vocês, e eu acho que isto é porque ela queria poupá-los do esforço de arrastar malas por todas essas escadas acima.”

“O senhor não vem conosco?”, perguntou Klaus.

“Eu simplesmente não tenho tempo para acompanhá-los”, disse o sr. Poe, “e é isso.”

Os Baudelaire se entreolharam. As crianças sabiam, como estou certo de que vocês sabem, que normalmente não há motivo para ter medo do escuro, porém mesmo que a gente não sinta realmente medo de alguma coisa, pode não querer chegar perto dela, e os órfãos estavam um pouquinho nervosos com a idéia de ter de escalar tudo aquilo até o fim sem um adulto do lado.

“Se vocês estão com medo do escuro”, disse o sr. Poe, “imagino que posso adiar a minha busca pelos Quagmire e levá-los aos seus novos tutores.”

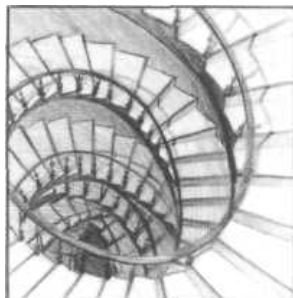
“Não, não”, Klaus apressou-se a dizer. “Não estamos com medo do escuro, e encontrar os Quagmire é muito mais importante.”

“Obog”, disse Sunny meio em dúvida.

“Apenas tente engatinhar enquanto agüentar”, disse Violet à irmã, “e então Klaus e eu nos revezaremos carregando você. Até logo, sr. Poe.”

“Até logo, crianças”, disse o sr. Poe. “Se houver qualquer problema, lembrem-se de que sempre poderão contatar a mim ou qualquer dos meus colegas na Administração de Multas — pelo menos, assim que eu descer do helicóptero.”

“Tem uma coisa de bom com essa escadaria”, brincou o porteiro, começando a acompanhar o sr. Poe de volta à porta da frente. “A partir deste ponto, é tudo ‘pra cima’.” Os órfãos Baudelaire ouviram as risadinhas do porteiro enquanto ele desaparecia nas trevas e subiram os primeiros degraus. Como vocês com certeza já sabem, a expressão “A partir deste ponto, é tudo ‘pra cima’” não tem nada a ver com subir as escadas. Significa simplesmente que as coisas vão melhorar no futuro. As crianças tinham entendido a piada, mas estavam ansiosas demais para rir. Estavam ansiosas em relação ao conde Olaf, que poderia encontrá-los a qualquer minuto. Estavam ansiosas em relação aos trigêmeos Quagmire, que poderiam jamais voltar a ver. E agora, começando a subir a escadaria à luz de velas, estavam ansiosas em relação aos seus novos tutores. Tentavam imaginar que espécie de gente viveria em uma rua tão escura, em um prédio tão escuro, e no alto de quarenta e oito ou oitenta e quatro lances de escada muito escuros. Acharam difícil de acreditar que as coisas fossem melhorar no futuro vivendo em um ambiente tão deprimente e mal iluminado. Muito embora os aguardasse uma longa escalada, quando os órfãos Baudelaire começaram a subir na escuridão estavam ansiosos demais para acreditar que tudo seria “pra cima” a partir daquele ponto.



## CAPÍTULO DOIS

A fim de ter uma idéia mais clara de exatamente como os órfãos Baudelaire se sentiram quando começaram a penosa jornada escadaria acima até o apartamento de cobertura do sr. e da sra. Squalor, você poderá achar conveniente fechar os olhos ao ler este capítulo, pois a luz que vinha das velas no chão era tão pálida que parecia que os olhos estavam fechados mesmo quando olhavam o mais intensamente que podiam. A cada curva na escada havia uma porta que levava ao apartamento de cada andar, e um par de portas deslizantes de elevador. Os jovens, naturalmente, não ouviam som algum vindo de trás das portas deslizantes, já que o elevador tinha sido desligado, mas atrás das portas dos apartamentos as crianças podiam ouvir os ruídos produzidos pelas pessoas que moravam no prédio. Quando chegaram ao sétimo andar, ouviram dois homens rindo como se alguém tivesse contado uma piada. Quando chegaram ao décimo segundo andar, ouviram o barulho da água enquanto alguém tomava banho. Quando chegaram ao décimo nono andar, ouviram uma mulher dizendo “Deixe que comam bolo” em uma voz que tinha um sotaque estranho.

“Me pergunto o que as pessoas vão ouvir quando passarem pelo apartamento de cobertura”, Violet pensou em voz alta, “quando estivermos morando lá.”

“Espero que me ouçam virando páginas”, disse Klaus. “Talvez o sr. e a sra. Squalor tenham alguns livros interessantes para ler.”

“Ou, quem sabe, as pessoas me ouvirão usando uma chave inglesa”, disse Violet.

“Espero que os Squalor tenham algumas ferramentas e me deixem usá-las nas minhas invenções.”

“Crife!”, disse Sunny, passando cautelosamente de gatinhas por uma das velas no chão.

Violet baixou os olhos para ela e sorriu. “Não acho que isto vai ser um problema, Sunny”, disse ela. “Você normalmente acha uma coisa ou outra para morder. E avise quando quiser que nós comecemos a carregá-la.”

“Eu gostaria que alguém carregasse a mim”, disse Klaus agarrando o corrimão para se apoiar. “Estou ficando cansado.”

“Eu também”, admitiu Violet. “Daria para imaginar que estas escadas não nos cansariam, depois que o conde Olaf nos fez correr todas aquelas voltas na pista quando estava disfarçado de professor de educação física, mas não é este o caso. Aliás, em que andar estamos?”

“Não sei”, disse Klaus. “As portas não têm números, e eu perdi a conta.”

“Bem, com a cobertura não há como a gente se enganar”, disse Violet. “Ela fica no último andar, portanto vamos simplesmente continuar subindo até acabar a escada.”

“Eu queria poder inventar um dispositivo que nos carregasse escada acima”, disse Klaus.

Violet sorriu, muito embora seus irmãos não pudessem ver o sorriso no escuro.

“Esse dispositivo foi inventado muito tempo atrás”, disse ela. “Chama-se elevador. Mas os elevadores estão out, está lembrado?”

Klaus também sorriu. “E os pés cansados estão in”, disse ele.

“Você se lembra daquela vez”, disse Violet, “em que os nossos pais participaram da Décima Sexta Maratona Anual? Os pés deles estavam tão cansados que, quando chegaram em casa, papai preparou o jantar sentado no chão da cozinha, em vez de ficar em pé!”

“É claro que me lembro”, disse Klaus. “Jantamos só salada, porque eles não conseguiram ficar em pé para alcançar o fogão.”

“Teria sido uma refeição perfeita para a tia Josephine”, disse Violet, lembrando-se de uma entre os seus vários tutores anteriores. “Ela nunca quis usar o fogão, pois achava que podia explodir.”

“Pomres”, disse Sunny, tristonha. Ela queria dizer algo no gênero de “Como descobrimos no fim, o fogão era o menor dos problemas da tia Josephine”.

“É verdade”, Violet disse baixinho, quando as crianças ouviram alguém espirrar atrás de uma porta.

“Eu queria saber como serão os Squalor”, disse Klaus.

“Bem, eles devem ser ricos para morar na Avenida Sombria”, disse Violet.

“Acrofil”, disse Sunny, o que queria dizer “E eles com certeza não têm medo de altura”.

Klaus sorriu e baixou os olhos para a irmã. “Você parece cansada, Sunny”, disse ele. “Violet e eu podemos nos revezar carregando você.”

Vamos trocar a cada três andares.”

Violet concordou com o plano de Klaus com um movimento da cabeça, e então disse “Sim” em voz alta, pois se deu conta de que o movimento de cabeça era invisível no escuro. Eles continuaram a subir as escadas, e lamentou dizer que os dois Baudelaire mais velhos se revezaram muitas e muitas vezes carregando Sunny. Se os Baudelaire estivessem subindo uma escada de tamanho normal eu escreveria “E eles subiram e subiram”, mas uma frase mais apropriada começaria com “E eles subiram, e subiram, e subiram”, e prosseguiria assim por quarenta e oito ou oitenta e quatro páginas, já que a escadaria era tão inacreditavelmente longa. Ocasionalmente, eles passavam pela figura indistinta de alguma outra pessoa descendo as escadas, mas as crianças estavam cansadas demais até para dizer “Boa tarde” — e, mais tarde, “Boa noite” — para aqueles outros residentes da Avenida Sombria 667. Os Baudelaire ficaram com fome. Eles ficaram com o corpo dolorido. E ficaram muito cansados de olhar para velas, e degraus, e portas, todos idênticos.

Quando já não podiam agüentar mais, chegaram a mais uma porta, e degrau, e vela, e cerca de cinco lances depois disso a escada finalmente acabou e depositou as crianças exaustas em uma pequena sala com uma última vela no meio do tapete. A luz da vela, os órfãos Baudelaire puderam ver a porta do seu novo lar e, do outro lado, dois pares de portas deslizantes de elevador e, ao lado, botões com setas.

“Imaginem só”, disse Violet, ofegante com a longa escalada, “se os elevadores estivessem in, teríamos chegado à cobertura dos Squalor em apenas alguns minutos.”

“Bem, talvez em breve eles voltem a ser in”, disse Klaus. “É o que espero. A outra porta deve dar para o apartamento dos Squalor. Vamos bater.” Eles bateram na porta e, quase imediatamente, ela se abriu revelando um homem alto, usando um terno com listras compridas e estreitas de cima até embaixo. Este tipo de terno é chamado de terno risca-de-giz e normalmente é usado por pessoas que, ou são astros de cinema, ou são gângsteres.

“Pensei ter ouvido alguém se aproximando da porta”, disse o homem, dando às crianças um sorriso tão grande que dava para ver até no escuro da sala. “Por favor, entrem. Meu nome é Jerome Squalor, e estou muito contente por vocês virem morar conosco.”

“Muito prazer em conhecê-lo, sr. Squalor”, disse Violet, ainda ofegante, quando ela e seus irmãos entraram em um Vestíbulo quase tão escuro quanto a escadaria. “Eu sou Violet Baudelaire, e estes são o meu irmão Klaus e a minha irmã Sunny.”

“Deus, você parece estar sem fôlego”, disse o sr. Squalor. “Por sorte, posso pensar em duas coisas a fazer a respeito. Uma é que vocês podem

parar de me chamar de sr. Squalor e começar a me chamar de Jerome. Também vou chamar vocês três só pelo primeiro nome, e assim todos nós vamos poupar fôlego. A segunda coisa é que vou preparar para vocês um delicioso martíni geladinho. Venham por aqui.”

“Um martíni?”, perguntou Klaus. “Não é uma bebida alcoólica?”

“Geralmente é”, concordou Jerome. “Mas neste momento os martínis alcoólicos estão out. Os martínis aquosos estão in. Um martíni aquoso é simplesmente água gelada servida em uma taça sofisticada com uma azeitona dentro, portanto é perfeitamente lícito servi-lo tanto a crianças como a adultos.”

“Nunca tomei um martíni aquoso”, disse Violet, “mas vou provar um.”

“Ah!”, disse Jerome. “Você é uma aventureira! Gosto disto em uma pessoa. A sua mãe também era uma aventureira. Você sabe, ela e eu éramos muito bons amigos tempos atrás. Escalamos o monte Fraught com alguns amigos — Deus, isso deve ter sido há uns vinte anos. O monte Fraught era conhecido pelos animais perigosos que viviam lá, mas a sua mãe não tinha medo. Mas então, mergulhando do céu...”

“Jerome, quem era na porta?”, gritou uma voz da sala ao lado, e entrou uma mulher alta e esbelta, também usando terno risca-de-giz. Tinha unhas compridas, pintadas com um esmalte tão brilhante que cintilavam até naquela luz pálida.

“As crianças Baudelaire, é claro”, respondeu Jerome.

“Mas elas não vinham hoje!”, exclamou a mulher.

“É claro que vinham”, disse Jerome. “Há dias e dias que estou esperando por isso! Vocês sabem”, disse ele voltando-se da mulher para os Baudelaire, “eu queria adotar vocês desde o momento em que ouvi contar do incêndio. Mas, infelizmente, foi impossível.”

“Os órfãos estavam out naquela época”, explicou a mulher. “Agora, eles estão in.”

“Minha mulher está sempre atenta ao que é in e ao que é out”, disse Jerome. “Eu não ligo muito para isso, mas Esmé pensa de outro jeito. Foi ela quem insistiu em mandar remover o elevador. Esmé, eu estava indo preparar um martíni aquoso para eles. Você também quer?”

“Oh, sim!”, exclamou Esmé. “Os martínis aquosos estão in.” Ela aproximou-se rapidamente das crianças e inspecionou-as. “Eu sou Esmé Gigi Geniveve Squalor, a sexta consultora financeira mais importante da cidade”, anunciou ela, pomposa. “Apesar de eu ser inacreditavelmente rica, vocês podem me chamar de Esmé. Vou aprender os nomes de vocês depois. Estou muito feliz por estarem aqui, porque órfãos estão in, e quando todos

os meus amigos ouvirem que eu tenho três órfãos vivos de verdade, vão ficar doentes de inveja, não vão, Jerome?”

“Espero que não”, disse Jerome, levando as crianças por um corredor comprido e escuro até uma sala enorme e escura onde havia diversos divãs, cadeiras e mesas sofisticados. Na outra ponta da sala havia uma série de janelas, todas com as cortinas fechadas para não deixar entrar nenhuma luz. “Não gosto de ouvir dizer que alguém vai ficar doente. Bem, sentem-se, crianças, vou contar a vocês um pouco sobre o seu novo lar.”

Os Baudelaire sentaram-se em três cadeiras enormes, gratos pela oportunidade de descansar os pés. Jerome atravessou a sala até uma das mesas, onde havia uma jarra de água ao lado de uma tigela cheia de azeitonas e algumas taças sofisticadas, e preparou rapidamente os martinis aquosos. “Aqui está”, disse ele entregando uma taça sofisticada para Esmé e uma para cada criança. “Vejam. Caso vocês se percam, lembrem-se de que o seu novo endereço é Avenida Sombria 667, apartamento de cobertura.”

“Ora, não fique contando coisas bobas como essa para elas”, disse Esmé, agitando a mão de unhas compridas na frente do rosto como se estivesse sendo atacada por uma mariposa. “Crianças, eis aqui algumas coisas que vocês precisam saber. Escuro é in. Luz é out. Escadas são in. Elevadores são out. Ternos risca-de-giz são in. Essas roupas horríveis que vocês estão usando são out.”

“O que Esmé quer dizer”, Jerome apressou-se em consertar, “é que nós queremos que vocês se sintam o mais confortáveis possível aqui.” Violet bebeu um golinho do seu martini aquoso. Não ficou surpresa ao descobrir que tinha gosto de água pura, com um leve toque de azeitona. Não gostou muito, mas aquilo aliviou a sede causada pela longa subida pela escadaria. “Muito gentil da sua parte”, disse ela.

“O sr. Poe me contou sobre alguns dos seus antigos tutores”, disse Jerome balançando a cabeça. “Me sinto horrivelmente mal por vocês terem tido de passar por experiências tão terríveis, quando podíamos ter cuidado de vocês o tempo todo.”

“Era inevitável”, disse Esmé. “Quando alguma coisa está out, ela está out, e órfãos estavam out.”

“Eu também ouvi tudo sobre esse tal de conde Olaf”, disse Jerome. “Falei para o porteiro não deixar entrar neste prédio ninguém que se parecesse, mesmo vagamente, com aquele homem desprezível, portanto vocês estarão seguros.”

“Isto é um alívio”, disse Klaus.

“De qualquer modo, supõe-se que aquele homem horroroso esteja no alto de alguma montanha”, disse Esmé. “Lembra-se, Jerome? Aquele

banqueiro sem estilo disse que estava indo de helicóptero procurar os tais gêmeos que ele raptou.”

“Na verdade”, disse Violet, “são trigêmeos. Os Quagmire são bons amigos nossos.”

“Não diga!”, disse Jerome. “Então vocês devem ter ficado terrivelmente preocupados!”

“Bem, se os encontrarem logo”, disse Esmé, “talvez nós também os adotemos. Cinco órfãos! Ficarei sendo a pessoa mais in da cidade!”

“Certamente temos espaço para eles”, disse Jerome. “Este é um apartamento de setenta e um quartos, crianças, portanto vocês poderão escolher os de vocês. Klaus, Poe mencionou alguma coisa sobre o seu interesse por inventar coisas, está correto?”

“A inventora é a minha irmã”, respondeu Klaus. “Eu mesmo, sou mais um pesquisador.”

“Muito bem então”, disse Jerome. “Você pode ficar com o quarto ao lado da biblioteca, e Violet pode ficar com o que tem uma grande bancada de madeira, perfeita para guardar ferramentas. Sunny pode ficar no quarto entre vocês dois. Que tal lhes parece?”

Aquilo lhes parecia absolutamente esplêndido, é claro, mas os órfãos Baudelaire nem tiveram oportunidade de dizer isso, pois um telefone tocou bem naquele instante.

“Eu atendo! Eu atendo!”, gritou Esmé, e correu para o outro lado da sala, para atender. “Residência Squalor”, disse ela ao fone, e então aguardou enquanto a pessoa falava do outro lado. “Sim, é a sra. Squalor. Sim. Sim. Sim? Oh, obrigada, obrigada, obrigada!” Ela desligou e voltou-se para as crianças. “Adivinhem o quê?”, perguntou ela.

“Tenho novidades fantásticas sobre o assunto de que estávamos falando!”

“Os Quagmire foram encontrados?”, perguntou Klaus, esperançoso.

“Quem?”, perguntou Esmé. “Ah, eles. Não, eles não foram encontrados. Não sejam tolos. Jerome, crianças, escutem: o escuro está out! A luz normal está in!”

“Bem, não tenho tanta certeza de que posso chamar isso de novidades fantásticas”, disse Jerome, “mas será um alívio ter um pouco de luz por aqui. Vamos, jovens Baudelaire, ajudem-me a abrir as cortinas e vocês poderão dar uma olhada na nossa vista. Dá para avistar um bocado aqui de cima.”

“Vou acender todas as lâmpadas da cobertura”, disse Esmé ofegante de excitação. “Depressa, antes que alguém veja que este apartamento ainda está escuro!” Enquanto Esmé disparava para fora da sala, Jerome deu uma

pequena encolhida de ombros para os três irmãos e atravessou a sala até as janelas. Os Baudelaire os seguiram e ajudaram a abrir as pesadas cortinas que cobriam as janelas. Imediatamente a luz do sol invadiu a sala, fazendo-os apertar os olhos até que se ajustassem à luz natural. Se os Baudelaire tivessem olhado em volta agora que a sala estava apropriadamente iluminada, teriam visto o quanto os móveis todos eram sofisticados. Os divas tinham almofadas bordadas com prata. As cadeiras eram todas pintadas com tinta dourada. E as mesas eram feitas de madeira extraída de algumas das árvores mais caras do mundo. Mas os órfãos Baudelaire não estavam olhando para a sala, por luxuosa que fosse. Estavam olhando pela janela, para a cidade lá embaixo.

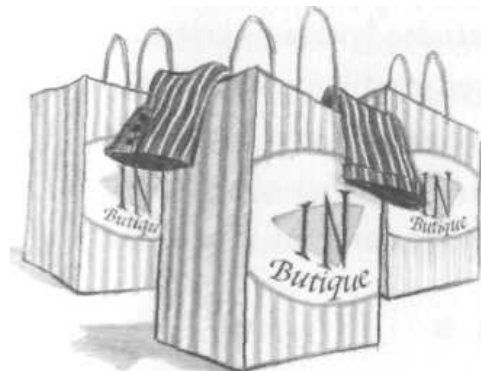
“Uma vista espetacular, vocês não acham?”, perguntou-lhes Jerome, e eles concordaram com a cabeça. Era como se estivessem olhando para uma cidade muito, muito pequenina, com caixas de fósforos em vez de edifícios e marcadores de livros em vez de ruas. Podiam ver minúsculas formas coloridas que pareciam uma porção de insetos, porém, na realidade, eram todos os carros e carruagens da cidade, circulando pelos marcadores de livros até chegar às caixas de fósforos onde moravam e trabalhavam os pontinhos que eram as pessoas. Os Baudelaire podiam ver os arredores onde tinham morado com os pais, e as partes da cidade onde moravam seus amigos; e em uma pálida e muito distante faixa azul, a praia onde tinham recebido a terrível notícia que dera início a todas as suas desventuras.

“Eu sabia que vocês iam gostar”, disse Jerome. “Sai muito caro morar em um apartamento de cobertura, mas acho que vale a pena para ter uma vista como esta. Olhe, aquelas caixinhas minúsculas lá adiante são fábricas de suco de laranja. Aquele prédio meio arroxeadado junto ao parque é o meu restaurante favorito. Ah, e olhem direto para baixo — já estão cortando aquelas árvores horrorosas que deixavam a nossa rua tão escura.”

“É claro que estão cortando”, disse Esmé, voltando apressada para a sala e soprando algumas velas que tinham sido postas sobre a lareira. “A luz normal está in, tão in quanto martinis aquosos, risca-de-giz e órfãos.”

Violet, Klaus e Sunny olharam direto para baixo e viram que Jerome tinha razão. Aquelas árvores estranhas que bloqueavam a luz do sol na Avenida Sombria, e que vistas de tamanha altura não pareciam mais altas que cliques de papel, estavam sendo derrubadas por pontinhos-jardineiros. Muito embora as árvores tivessem feito a rua parecer tão escura, era uma pena derrubá-las todas, deixando apenas os tocos expostos que, da janela da cobertura, pareciam percevejos cravados no chão. Os três irmãos se entreolharam, depois olharam de novo para a Avenida Sombria. Aquelas árvores não eram mais in, então os jardineiros estavam se livrando delas. Os Baudelaire não queriam nem pensar no que aconteceria quando os órfãos também não estivessem mais in.





## CAPÍTULO TRÊS

Se você pegasse um saco plástico e o colocasse dentro de uma grande tigela, e depois, usando uma colher de pau, mexesse bem mexido o saco dentro da tigela, poderia usar a expressão “saco remexido” para descrever o que teria diante de você, mas não estaria usando a expressão do mesmo modo como estou prestes a usá-la agora. Muito embora “saco remexido” às vezes se refira a um saco plástico que foi remexido em uma tigela, a expressão é mais freqüentemente usada para descrever uma situação que tem simultaneamente partes boas e partes ruins. Uma matinê no cinema, por exemplo, seria um saco remexido se estivesse passando o seu filme predileto, porém você tivesse de comer pedregulhos em vez de pipocas. Uma excursão ao zoológico seria um saco muito remexido se o tempo estivesse maravilhoso, porém todos os leões devoradores de homens e mulheres estivessem à solta. E, para os órfãos Baudelaire, os primeiros dias com os Squalor foram um dos sacos mais remexidos que já tinham encontrado, porque as partes boas eram muito boas, mas as partes ruins eram simplesmente horrendas.

Uma das partes boas era que os Baudelaire estavam vivendo de novo na cidade onde nasceram e foram criados. Depois que os Baudelaire pais morreram, e depois da desastrosa temporada com o conde Olaf, as três crianças tinham sido mandadas para diversos lugares remotos para morar e sentiam amargamente a falta das vizinhanças familiares de sua cidade natal. Todas as manhãs, depois que Esmé saía para o trabalho, Jerome levava as crianças para algum dos seus lugares prediletos na cidade. Violet ficou feliz ao ver que as suas exposições favoritas no Museu Verne das Invenções não tinham sido mudadas, e assim ela pôde dar mais uma olhada nas demonstrações mecânicas que a inspiraram a ser uma inventora quando tinha apenas dois anos de idade. Klaus ficou encantado ao visitar a Livraria Akhmatova, aonde seu pai costumava levá-lo, como um prêmio especial, para comprar um atlas ou um volume da enciclopédia. E Sunny ficou interessada em visitar o Hospital Pincus, onde nascera, embora suas lembranças daquele lugar fossem um pouco vagas.

Mas à tarde as três crianças voltavam para a Avenida Sombria 667, e esta parte da situação dos Baudelaire é que não era nem de longe tão agradável. Para começar, a cobertura era simplesmente grande demais. Além dos setenta e um quartos de dormir, havia uma porção de salas de estar, salas de jantar, salas de café-da-manhã, salas de lanche, salas de sentar, salas de ficar em pé, salões de baile, banheiros, cozinhas e uma variedade de salas que pareciam não ter nenhuma serventia. A cobertura era tão enorme que com frequência os órfãos Baudelaire se viam irremediavelmente perdidos dentro dela. Violet saía do seu quarto para escovar os dentes e não conseguia encontrar o caminho de volta por uma hora. Klaus, inadvertidamente, esquecia os óculos em um balcão de cozinha e desperdiçava a tarde inteira tentando encontrar a cozinha certa. E Sunny conseguia encontrar um lugar muito confortável para sentar e ficar mordendo coisas, mas era incapaz de encontrá-lo de novo no dia seguinte. Muitas vezes era difícil passar algum tempo com Jerome, simplesmente porque era muito difícil achá-lo no meio de todas as salas sofisticadas do seu novo lar, e só raríssimas vezes os Baudelaire chegavam a ver Esmé. Sabiam que ela saía para trabalhar todos os dias e voltava à noite, mas mesmo nas ocasiões em que estava no apartamento com eles, as três crianças mal chegavam a vislumbrar a sexta consultora financeira mais importante da cidade. Era como se ela tivesse se esquecido completamente dos novos membros da família, ou simplesmente estivesse mais interessada em perambular pelas salas do apartamento do que em passar algum tempo com os três irmãos. Mas os órfãos Baudelaire, na verdade, não se importavam muito com o fato de Esmé estar ausente com tanta frequência. Preferiam muito mais passar o tempo uns com os outros, ou com Jerome, em vez de participar de conversas infundáveis sobre o que era in e o que era out.

Mesmo quando os Baudelaire ficavam nos seus quartos, as três crianças não tinham momentos assim tão esplêndidos. Como ele tinha prometido, Jerome dera a Violet o quarto com uma grande bancada de madeira, que era sem dúvida perfeita para guardar ferramentas, mas Violet não conseguiu achar ferramentas em nenhum lugar da cobertura. Ela achou estranho que em um apartamento tão enorme não houvesse nem mesmo uma chave de boca, ou um mísero alicate, mas Esmé explicou altivamente, quando Violet lhe perguntou uma noite, que as ferramentas estavam out. Klaus realmente ficou com o quarto vizinho à biblioteca Squalor, que era uma sala grande e confortável com centenas de livros nas prateleiras. Mas o Baudelaire do meio ficou desapontado ao descobrir que todos os livros, sem exceção, eram descrições do que tinha sido in e out em várias épocas da história. Klaus tentou se interessar por livros desse tipo, mas era tão maçante ler um livro pretensioso como *Em 1812 as botas eram in, ou Trutas: na França elas são out*, que Klaus acabou não passando praticamente tempo algum na biblioteca. E a pobre Sunny não teve melhor sorte, uma frase que aqui significa “também ficava entediada no seu quarto”. Jerome, solícito, pusera

uma porção de brinquedos no quarto dela, mas eram do tipo projetado para bebês com dentes mais delicados: bichinhos moles de pelúcia, bolas acolchoadas e almofadas multicores diversas; não tinha a menor graça morder nenhum deles.

Mas o que realmente remexia o saco dos Baudelaire não era o tamanho acachapante do apartamento dos Squalor, nem os desapontamentos de uma bancada sem ferramentas, uma biblioteca sem livros interessantes ou itens de entretenimento não mastigáveis. O que realmente perturbava as três crianças era o pensamento de que os trigêmeos Quagmire estavam sem dúvida vivendo coisas que eram muito, muito piores. A cada dia que passava, a preocupação com os amigos era como uma carga nos ombros dos Baudelaire, que parecia ir ficando cada vez mais pesada, pois os Squalor se recusavam a dar qualquer apoio.

“Eu estou muito, muito cansada de discutir os seus amiguinhos gêmeos”, disse Esmé uma noite, enquanto os Baudelaire e os Squalor bebericavam martinis aquosos em uma sala de estar que as crianças nunca tinham visto antes. “Sei que vocês estão preocupados com eles, mas é uma chateação ficar tagarelando o tempo todo sobre isso.”

“Não queríamos chateá-la”, disse Violet, sem acrescentar que é terrivelmente indelicado dizer às pessoas que os seus problemas são uma chateação.

“É claro que não”, disse Jerome, pescando a azeitona da sua taça sofisticada e jogando-a na boca antes de se dirigir à sua esposa. “As crianças estão preocupadas, Esmé, o que é perfeitamente compreensível. Sei que o sr. Poe está fazendo tudo o que pode, mas talvez devamos juntar as nossas cabeças e pensar em alguma outra coisa.”

“Eu não tenho tempo para juntar a minha cabeça”, disse Esmé. “Está chegando a hora do Leilão In e tenho de dedicar todas as minhas energias para garantir que seja um sucesso.”

“O Leilão In?”, perguntou Klaus.

“Um leilão”, explicou Jerome, “é uma espécie de liquidação. Todo mundo se reúne em uma grande sala, e um leiloeiro mostra uma porção de coisas que estão à venda. Se você vê alguma coisa de que gosta, grita quanto está disposto a pagar por aquilo. Isso se chama ‘lance’. Então alguma outra pessoa pode fazer um lance, depois mais alguém, e quem der o lance mais alto ganha o leilão e compra o item em questão. É tremendamente excitante. A sua mãe costumava adorar leilões! Lembro-me de uma vez...”

“Você esqueceu a parte mais importante”, interrompeu Esmé. “Chama-se Leilão in porque estamos vendendo somente coisas que estão in. Sou sempre eu quem organiza, e é um dos eventos mais arrasadores do ano!”

“Rasadores?”, perguntou Sunny.

“Neste caso”, explicou Klaus à sua irmã mais nova, “a palavra não quer dizer que as coisas são arrasadas. Significa apenas ‘fabulosos’.”

“E é mesmo fabuloso”, disse Esmé, terminando o seu martíni aquoso.

“Realizamos o leilão no Veblen Hall e só leiloamos as coisas mais in que podemos encontrar. E o melhor de tudo é que todo o dinheiro vai para uma boa causa.”

“Que boa causa?”, perguntou Violet.

Esmé bateu palmas alegremente com as suas mãos de unhas compridas. “Eu!

Até o último centavo que as pessoas pagam no leilão vem direto para mim! Não é arrasador?”

“Na verdade, querida”, disse Jerome, “eu estava pensando que este ano talvez devêssemos doar o dinheiro para outra boa causa. Por exemplo, eu há pouco estava lendo a respeito daquela família de sete pessoas. A mãe e o pai perderam seus empregos e agora estão tão pobres que não podem se dar ao luxo de morar nem mesmo em um apartamento de um dormitório. Poderíamos mandar uma parte do dinheiro do leilão para gente como eles.”

“Não fale bobagens”, disse Esmé mal-humorada. “Se nós dermos dinheiro para as pessoas pobres, elas não serão mais pobres. Além disso, este ano nós vamos ganhar montes de dinheiro. Hoje almocei com doze milionários, e onze deles afirmaram categoricamente que vão comparecer ao Leilão In. O décimo segundo precisa ir a uma festa de aniversário. Pense só no dinheiro que vou ganhar, Jerome! Talvez possamos nos mudar para um apartamento maior!”

“Mas acabamos de nos mudar para cá umas poucas semanas atrás”, disse Jerome. “Prefiro gastar algum dinheiro para pôr o elevador a funcionar de novo. É muito cansativo ter de subir as escadas até a cobertura.”

“Lá vem você, falando bobagens de novo”, disse Esmé. “Se não tenho de ficar ouvindo a tagarelice dos meus órfãos sobre os seus amigos raptados, tenho de ficar ouvindo você falar sobre coisas como elevadores. Bem, de qualquer modo não temos mais tempo para conversa fiada. Gunther vem aqui à noite e quero que você, Jerome, leve as crianças para jantar.”

“Quem é Gunther?”, perguntou Jerome.

“Gunther é o leiloeiro, é claro”, respondeu Esmé. “Ele é considerado o leiloeiro mais in da cidade, e vai me ajudar a organizar o leilão. Vem aqui à noite para discutir o catálogo do leilão, e não queremos ser perturbados. É

por isso que quero que vocês saiam para jantar e nos dêem um pouco de privacidade.”

“Mas hoje eu ia ensinar as crianças a jogar xadrez”, disse Jerome.

“Não, não, não”, disse Esmé. Vocês vão sair para jantar. Já está tudo arranjado. Fiz uma reserva no Café Salmonela para as sete horas. Agora são seis, portanto é bom vocês se mexerem. Vão precisar de tempo folgado para descer a pé todas aquelas escadas. Mas antes de vocês irem, crianças, tenho um presente para cada uma de vocês.”

Com isso, as crianças Baudelaire foram pegadas des-prevenidas, uma frase que aqui significa “ficaram surpresas porque uma pessoa tão egoísta tinha comprado presentes para elas”, mas Esmé realmente enfiou a mão atrás do sofá vermelho-escuro onde estava sentada e tirou de lá três sacolas com as palavras “Butique In” em sofisticadas letras rebuscadas. Com um gesto sofisticado, Esmé entregou uma sacola a cada Baudelaire.

“Achei que se comprasse alguma coisa que vocês realmente desejassem”, disse ela, “iriam parar com essa tagarelice toda sobre os Quagmire.”

“O que Esmé quer dizer”, acrescentou Jerome apressadamente, “é que nós queremos que vocês se sintam felizes aqui na nossa casa, mesmo estando preocupados com os seus amigos.”

“Não é nada disso que eu quis dizer”, disse Esmé, “mas não importa. Abram as sacolas, crianças.”

Os Baudelaire abriram os seus presentes, e lamentaram dizer que aquelas também eram sacolas remexidas. Existem muitas, muitas coisas difíceis nesta vida, mas uma que não é nada difícil é descobrir se uma pessoa está ou não entusiasmada ao abrir um presente. Frequentemente, se ela está entusiasmada, porá pontos de exclamação nos finais das suas frases para indicar o tom de voz entusiasmado. Por exemplo, se ela diz

“Oh!” o ponto de exclamação indica que a pessoa está dizendo “Oh!” de um jeito entusiasmado, em vez de estar simplesmente dizendo “Oh”, com uma vírgula depois, o que indicaria que o presente é algo desapontador.

“Oh”, disse Violet ao abrir o seu presente.

“Oh”, disse Klaus ao abrir o seu.

“Oh”, disse Sunny ao rasgar a sua sacola com os dentes.

“Ternos risca-de-giz! Eu sabia que vocês iam ficar entusiasmados!”, disse Esmé.

“Vocês devem ter se sentido mortificados nos últimos dias, andando pela cidade sem ter nenhuma risca-de-giz para usar! Riscas-de-giz são in, e órfãos são in, portanto imaginem só o quanto ficarão in quando vocês,

órfãos, estiverem usando risca-de-giz! Não admira que tenham ficado tão entusiasmados!”

“Eles não me pareceram entusiasmados quando abriram os presentes”, disse Jerome, “e eu não os culpo. Esmé, achei que tínhamos dito que compraríamos um jogo de ferramentas para Violet. Ela é muito entusiasmada com invenções, e pensei que íamos apoiar esse entusiasmo.”

“Mas eu também sou entusiasmada com ternos risca-de-giz”, disse Violet, sabendo que devemos sempre dizer que estamos encantados com um presente mesmo quando não gostamos dele nem um pouco. “Muito obrigada.”

“E Klaus devia ganhar um bom almanaque”, continuou Jerome. “Eu falei a você sobre o interesse dele na Linha Internacional de Mudança de Data, e um almanaque é o livro perfeito para aprender sobre isto.”

“Mas eu estou muito interessado em risca-de-giz”, disse Klaus, que era capaz de mentir tão bem quanto a irmã quando surgia uma necessidade. “Eu realmente apreciei o presente.”

“E Sunny”, disse Jerome, “ devia ganhar um grande quadrado feito de bronze. Teria sido um presente atraente e facilmente mordível.”

“Aijim”, disse Sunny. Queria dizer alguma coisa na linha de “Adorei a minha roupa. Muito obrigada”, muito embora não achasse isso nem um pouco.

“Sei que discutimos a compra desses itens bobos”, disse Esmé com um aceno da mão de unhas compridas, “mas ferramentas estão out a semanas, almanaques estão out a meses, e esta tarde eu recebi um telefonema informando que não se espera que os grandes quadrados de bronze estejam in por pelo menos mais um ano. O in agora são riscas-de-giz, Jerome, e eu não gosto que você tente ensinar às minhas crianças novas que elas devem ignorar o que é in e o que é out. Você não quer o melhor para os órfãos?”

“É claro”, suspirou Jerome. “Eu não tinha pensado nisso deste modo, Esmé. Bem, crianças, realmente espero que vocês gostem dos seus presentes apesar de eles não combinarem com os seus interesses. Por que vocês não vão vestir os seus ternos novos para o jantar?”

“Oh, sim!”, disse Esmé. “O Café Salmonela é um dos restaurantes mais in. De fato, acho que eles nem deixam você entrar lá se não estiver usando risca-de-giz, portanto vão trocar de roupa. Mas andem depressa! Gunther deve chegar a qualquer minuto.”

“Vamos andar depressa”, prometeu Klaus, “e obrigado de novo pelos nossos presentes.”

“Não tem de quê”, disse Jerome com um sorriso, e as crianças sorriram de volta para ele, saíram da sala de estar, seguiram por um longo corredor,

atravessaram uma cozinha e mais uma sala de estar, passaram por quatro banheiros, et cetera, et cetera, et cetera, finalmente encontrando o caminho para os seus quartos. Ficaram um minuto parados na frente das três portas, olhando tristemente para as suas sacolas.

“Não sei como vamos usar essas coisas”, disse Violet.

“Nem eu”, disse Klaus. “E o pior é saber que nós quase ganhamos os presentes que realmente queríamos.”

“Puictiu”, concordou Sunny, soturna.

“Olhem só para nós”, disse Violet. “Parecemos crianças irremediavelmente mimadas. Estamos vivendo em um apartamento enorme. Temos cada qual o nosso quarto. O porteiro prometeu ficar alerta ao conde Olaf e pelo menos um dos nossos novos tutores é uma pessoa interessante. E nós aqui parados nos queixando.”

“Você tem razão”, disse Klaus. “Devíamos ver o lado bom das coisas. Na verdade não vale a pena a gente ficar se queixando só porque ganhou uma droga de presente — não quando os nossos amigos estão correndo um perigo tão terrível. Temos realmente muita sorte pelo simples fato de estar aqui.”

“Chittol”, disse Sunny, o que queria dizer alguma coisa como “É verdade. Temos de parar de nos queixar e tratar de vestir as nossas roupas novas.” Os Baudelaire ficaram juntos mais um momento e expressaram seu acordo acenando resolutamente com a cabeça, expressão que aqui significa “tentaram se forçar a pôr um fim aos sentimentos de ingratidão e ir vestir os ternos”. Mas apesar de não quererem parecer mimados, apesar de saberem que a sua situação não era nem um pouco terrível, e apesar de terem menos de uma hora para trocar de roupa, encontrar Jerome e descer a pé todas aquelas centenas e centenas de degraus, as três crianças pareciam incapazes de se mexer. Simplesmente continuavam em pé na frente das portas dos seus quartos e olhavam para as suas sacolas da Butique In.

“Naturalmente”, disse Klaus afinal, “não importa quanta sorte tenhamos, resta o fato de que estes ternos risca-de-giz são absolutamente grandes demais para nós.” Klaus tinha dito a verdade. Era uma verdade que poderia ajudar você a entender por que os Baudelaire ficaram tão desapontados com o que estava nas suas sacolas. Era uma verdade que poderia ajudar você a entender por que os Baudelaire estavam tão relutantes em entrar nos seus quartos e vestir os seus ternos risca-de-giz. E era uma verdade que se tornou ainda mais óbvia quando os Baudelaire finalmente entraram nos seus quartos, e abriram as suas sacolas, e vestiram os presentes que Esmé lhes tinha dado.

Muitas vezes é difícil dizer se uma peça de vestuário vai servir ou não até que você a prove, mas as crianças Baudelaire puderam dizer no instante em que olharam pela primeira vez para dentro das sacolas que aquelas

roupas os deixavam ananicados em comparação. A expressão “ananicados em comparação” não tem nada a ver com anões, que são umas criaturas chatas dos contos de fadas que passam o tempo todo assobiando e fazendo faxina na casa. “Ananicado em comparação” significa simplesmente que uma coisa parece menor quando comparada com outra coisa. Um camundongo seria ananicado em comparação com uma avestruz, que é muito maior, e uma avestruz seria ananicada em comparação com a cidade de Paris. E os Baudelaire foram ananicados em comparação com os ternos risca-de-giz. Quando Violet vestiu as calças do seu terno, as pernas das calças iam muito, muito além das pernas do seu corpo, e então ficou parecendo que ela tinha dois espaguete enormes em vez de pés. Quando Klaus vestiu o paletó do seu terno, as mangas caíram muito, muito além das mãos, e os braços ficaram parecendo ter encolhido para dentro do corpo. E o terno de Sunny a ananicava tanto em comparação que era como se ela tivesse puxado as cobertas por cima da cabeça em vez de trocar de roupa. Quando os Baudelaire saíram dos seus quartos e se encontraram de novo no corredor, estavam tão ananicados em comparação que mal reconheceram um ao outro.

“Parece que você está esquiando”, disse Klaus, apontando para as pernas das calças da irmã mais velha. “Só que os seus esquis são feitos de pano em vez de liga de titânio.”

“Parece que você se lembrou de pôr o paletó mas esqueceu de pôr os braços”, retrucou Violet com um sorriso arreganhado.

“Mmphmm!””, gritou Sunny, e nem mesmo os seus dois irmãos conseguiram entender o que ela estava dizendo debaixo de todo aquele pano de risca-de-giz.

“Meu Deus, Sunny”, disse Violet, “pensei que você era um calombo no tapete. Acho que é melhor a gente amarrar uma das mangas do terno em volta de você. Talvez amanhã possamos achar uma tesoura e...”

“Nnphnn!””, interrompeu Sunny.

“Ora, não seja boba, Sunny”, disse Klaus. “Já vimos você de roupa de baixo centenas de vezes. Mais uma não vai fazer diferença.” Mas Klaus estava errado. Ele não estava errado a respeito da roupa de baixo — quando você é um bebê, a família a vê de roupa de baixo muitas vezes, e não adianta ficar envergonhada com isso —, mas ele estava errado ao pensar que quando Sunny disse “Nnphnn!” ela estava se queixando por ter de tirar a roupa na frente dos irmãos. O terno exagerado de Sunny tinha abafado a palavra que ela estava realmente dizendo, e era uma palavra que ainda me persegue em sonhos todas as noites quando fico virando de um lado para o outro na cama, imagens de Beatrice e seu legado preenchendo meu cérebro cansado e aflito, não importa para onde eu viaje no mundo e não importa qual evidência importante eu descubra. Mais uma vez é necessário usar a

expressão “ananicada em comparação” para me referir ao que aconteceu depois de Sunny pronunciar aquela palavra fatídica em voz alta. Pois muito embora Violet e Klaus não pudessem ouvir o que Sunny tinha dito, eles instantaneamente perceberam o que a irmã queria dizer. Porque quando Sunny pronunciou a palavra, uma longa sombra projetou-se sobre os Baudelaire, e eles ergueram os olhos para ver o que estava obstruindo a luz. E quando olharam, sentiram que tudo em suas vidas se tornara ananicado em comparação com o quanto se sentiam encurralados, pois aquela palavra, lamento dizer, era “Olaf”.



## CAPÍTULO QUATRO

Se você alguma vez for forçado a assistir a uma aula de química, provavelmente verá, na frente da classe, um grande quadro dividido em retângulos com diferentes números e letras em cada um deles. Esse quadro é chamado de tabela dos elementos, e os cientistas gostam de dizer que contém todas as substâncias de que é formado o nosso mundo. Como todo mundo, os cientistas erram de tempos em tempos e é fácil ver que estão errados a respeito da tabela dos elementos. Porque muito embora essa tabela contenha um grande número de elementos, do elemento oxigênio, que é encontrado no ar, ao elemento alumínio, que é encontrado nas latas de refrigerante, a tabela dos elementos não contém um dos elementos mais poderosos que formam o nosso mundo, e este é o elemento surpresa. O elemento surpresa não é um gás, como o oxigênio, nem um sólido, como o alumínio. O elemento surpresa é uma vantagem injusta, e pode ser encontrado em situações em que uma pessoa se aproxima furtivamente de outra. A pessoa surpreendida — ou, neste triste caso, as pessoas surpreendidas — fica atordoada demais para se defender e a pessoa furtiva tem a vantagem do elemento surpresa.

“Olá, faz favor”, disse o conde Olaf em sua voz rascante, e os órfãos Baudelaire ficaram atordoados demais para se defender. Eles não gritaram. Eles não fugiram de Olaf. Eles não bradaram aos seus tutores para salvá-los. Eles simplesmente ficaram lá parados dentro de seus enormes ternos

risca-de-giz, olhando para o homem terrível que, de algum modo, os encontrara mais uma vez.

Enquanto Olaf olhava para eles de cima para baixo com um sorriso sórdido, se regalando com a vantagem injusta do elemento surpresa, as crianças viram que ele envergava mais um de seus nefandos disfarces, uma expressão que aqui significa que ele não as enganou nem por um instante, não importa o que estivesse vestindo. Nos pés de Olaf havia um par de lustrosas botas de cano alto que chegavam quase até os joelhos — do tipo de botas que alguém poderia usar para andar a cavalo. Sobre um dos olhos de Olaf havia um monóculo, que é uma lente para um olho só em vez de dois — um tipo de acessório que obriga a pessoa a franzir a testa para segurá-lo no lugar. E o resto do corpo estava coberto por um terno risca-de-giz — o tipo de terno que alguém poderia usar para estar in no momento em que tem lugar esta história. Mas os Baudelaire sabiam que Olaf não fazia questão de estar in, assim como não tinha a visão imperfeita em um olho, nem estava de saída para andar a cavalo. As três crianças sabiam que Olaf estava usando as botas para encobrir o olho tatuado em seu tornozelo esquerdo. Sabiam que ele estava usando o monóculo para poder franzir a testa e tornar difícil ver que tinha uma única longa sobrancelha acima dos seus olhos muito, muito brilhantes. E sabiam que ele estava usando um terno risca-de-giz para que todos pensassem que era uma pessoa rica e in cujo lugar era a Avenida Sombria, em vez de um vilão ganancioso e traiçoeiro cujo lugar era uma prisão fortemente guardada.

“Vocês devem ser crianças, faz favor”, continuou ele, usando incorretamente a expressão “faz favor” pela segunda vez. “O nome meu está Gunther. Faz favor desculpa meu pronúncia. Faz favor, eu não está fluente no língua inglesa, faz favor.”

“Como...”, disse Violet, e parou. Ela ainda estava atordoada e era difícil terminar a frase “Como você nos encontrou tão depressa, e como passou pelo porteiro que prometeu mantê-lo longe de nós?” enquanto estava sob efeito do elemento surpresa.

“Onde...”, disse Klaus, e parou. Ele estava tão atordoado quanto a irmã e achou impossível terminar a frase “Onde você pôs os trigêmeos Quagmire?” enquanto estava sob efeito do elemento surpresa.

“Bic...”, disse Sunny, e parou. O elemento surpresa desabara sobre a mais jovem dos Baudelaire tão pesadamente quanto sobre Violet e Klaus, e Sunny não conseguiu encontrar as palavras para terminar a frase “Bicaído?”, que queria dizer alguma coisa como “Que novo plano malévolo você urdiu para roubar a nossa fortuna?”.

“Eu está vendo que vocês também não está fluentes no língua inglesa, faz favor”, disse o conde Olaf, continuando a fingir um jeito diferente de falar. “Onde está o mãe e a pai?”

“Nós não somos a mãe e o pai”, disse Esmé, e os Baudelaire sentiram mais um elemento surpresa quando os Squalor saíram para o corredor de uma outra porta. “Somos os tutores legais. Essas crianças são órfãs, Gunther.”

“Ah!” Atrás do seu monóculo, os olhos do conde Olaf ficaram ainda mais brilhantes, como acontecia com frequência quando ele olhava de cima para baixo para os Baudelaire indefesos. As crianças se sentiram como se os seus olhos fossem um par de fósforos acesos, prestes a esturricá-los. “Órfãos do tipo in!”, disse ele.

“Eu sei que os órfãos são in”, disse Esmé, ignorando a formulação arresgada de Olaf. “De fato, são tão in que deviam ser leiloados no grande evento da semana que vem!”

“Esmé!”, disse Jerome. “Estou chocado! Nós não vamos leiloar estas crianças.”

“É claro que não”, disse Esmé. “Leiloar crianças é contra a lei. Ora, vamos. Venha comigo, Gunther. Vou levá-lo em uma excursão completa pelo nosso apartamento. Jerome, leve as crianças para o Café Salmonela.”

“Mas nós ainda nem os apresentamos”, disse Jerome. “Violet, Klaus, Sunny, este é Gunther, o leiloeiro de quem estávamos falando há pouco. Gunther, estes são os mais novos membros da nossa família.”

“Eu está feliz em conhecer, faz favor”, disse Olaf estendendo uma das suas mãos descarnadas.

“Já nos conhecemos antes”, disse Violet, feliz ao ver que o elemento surpresa estava passando e que ela estava encontrando coragem para falar. “Muitas vezes antes. Jerome e Esmé, este homem é um impostor. Ele não é Gunther, e não é um leiloeiro. Este é o conde Olaf.”

“Eu não está entendendo, faz favor, o que a órfão está dizendo”, disse Olaf. “Faz favor, eu não está fluente no língua inglesa, faz favor.”

“Você é fluente, sim”, disse Klaus, que também começava a se sentir mais corajoso que surpreso. “Você fala inglês perfeitamente.”

“Ora, Klaus, estou surpreso com você!”, disse Jerome. “Uma pessoa que já leu tanto como você devia ter notado que ele cometeu alguns erros gramaticais.”

“Uaram!”, gritou Sunny.

“Minha irmã tem razão”, disse Violet. “O inglês errado é apenas parte do seu disfarce. Se vocês o fizerem tirar as botas, verão a tatuagem dele, e se o fizerem tirar o monóculo, ele vai desfranzir a testa e...”

“Gunther é um dos leiloeiros mais in do mundo”, disse Esmé, impaciente. “Ele mesmo me disse. Não vou fazê-lo se despir só para vocês

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

## Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "DS 06 - O Elevador Ersatz"  
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

### Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

**COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS**

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).